

O que o tempo não apaga

Muito além de saudades

Valteir M. Viegas

Palavras de um amigo leitor

Olá meu amigo de infância, Valteir (Teíre)! Como vai tudo?

Em primeiro lugar e apesar da pressa que os acompanhavam no dia em que apareceram na nossa chácara, quero dizer que fiquei muito, muito contente e lisonjeado com a visita inesperada que me fez após anos. É certo que não houve tempo para “colocarmos tudo em dia”, tampouco matar totalmente a saudade de todos, quando gostaria muito, também, de ter dado um forte abraço em seu pai (Sr. Dimas); que além de compadre e verdadeiro amigo dos meus pais, ambos se prezavam muito. Ao abraçá-lo tenho a certeza de que amenizaria a saudade que sinto do meu saudoso pai, amigo e companheiro (Sr. Altino, conhecido pelos amigos como Artino).

Olha, no dia em que vocês me visitaram, creio que fiquei devendo um pedido de desculpas, haja vista que tinha acabado de chegar à chácara com alguns trabalhadores/ajudantes e não havia nenhuma mulher para cozinhar, motivo que não os convidei para almoçar, mas espero termos novas oportunidades e mais tempo para estarmos juntos.

Do seu livro **“Rastros de Lembranças”**:

Sobre o livro **“Rastros de Lembranças”**, quero dizer que meus conhecimentos não estão à altura para uma análise e, portanto, farei, tão somente, alguns e breves comentários como um simples leitor, já que não poderia me furtar a eles.

Primeiramente, não posso deixar de ressaltar, independentemente da qualidade com que escreves que não é fácil para ninguém que fora criado nas dificuldades enfrentadas por nossas famílias, chegar ao ponto de escrever e publicar livro(s). É mesmo muito esforço individual, lastreado do suporte familiar e da graça divina. Somente por tais motivos já mereces infinitos parabéns, ainda mais que acabei por descobrir (sítio da editora) que já são várias obras. Quando me presenteou pensei que se tratava da primeira.

Um ponto que me chamou muita a atenção em sua obra é o fato de, conhecendo boa parte da história e realidade de sua família, com a qual tive a honra de me relacionar, é que em nenhum momento reclamas dos percalços, das dificuldades e das carências, visto que, como sabemos os fazendeiros da época só queriam formar suas pastagens, multiplicar e cuidar dos seus rebanhos e, por tais propósitos, sugaria toda a força daquele que somente a tinha como capital de troca e, em seguida, o dispensaria até que novamente necessitasse dos serviços daquele trabalhador, isto é, se ainda possuísse a capacidade para o trabalho.

Em segundo lugar, quero parabenizá-lo pela sensibilidade, profundidade, clareza, realismo e simplicidade com que descreve e narra os fatos, as paisagens, pessoas etc. Me fez voltar a nossa época de crianças/adolescentes e lembrar perfeitamente dos ingazeiros, das roças de seu pai (Tó), de como era o rio São Domingos e até do dia em que seu irmão menor ficara preso a uma “moita” de espinhos. Lembrei-me até mesmo daquele vizinho que sangrou o porco para o seu pai logo que voltaram para o São Domingos (com quase total certeza afirmo que fora meu pai). Como foi bom voltar ao tempo com você, através do seu livro!

Dos fatos descritos e narrados o que mais me chamou a atenção e impressionou foi aquele relativo à corredeira do rio, quando escreves que as águas “[... giravam formando, no centro do redemoinho, umas **covinhas giratórias** muito interessantes...]. grifei. Que sensibilidade, profundidade e realismo! Pude rever, na minha imaginação, as corredeiras daquele rio abençoado; quando quero destacar a sua capacidade de observação e percepção. Quem poderia imaginar que o “Teíre” quando estava a brincar, trabalhar, estudar, ..., estava também a observar e a absorver tantas informações!? Só isto já justifica e o credencia a continuar a escrever, a trilhar por entre letras, palavras, vírgulas, pontos, frases, períodos, pautas e infinitas páginas; saciando de boas histórias/estórias e lições aqueles que sabem beber dos conhecimentos de escritores como você meu amigo Viega.

No terceiro ponto quero, novamente, parabenizá-lo. Desta vez pela homenagem voltada ao Sr. Belarmino Gomes. Há tantas pessoas que conseguiram destaques, com certeza, por terem encontrado à frente a **Escola Isolada Três Voltas**; embora com suas deficiências, abriu caminhos para os primeiros passos desses cidadãos de destaques no cenário atual. Era, realmente, um senhor visionário e descortinou novos horizontes para muitos de nós, aflorando aqui, o seu exemplo.

Não percebi exatamente o motivo, talvez por querer citar/mencionar grande parte das pessoas com quem conviveram na região do rio São Domingos, mas gostei muito de ter se lembrado do nome do meu pai e tê-lo usado como codinome do Sr. Belarmino. Entendi, também, como uma homenagem. Se estiver correto, obrigado.

Teíre (se me permite), a única coisa que não concordei muito é quando diz que está procurando um lugar ao sol. Com a mesma competência de grandes escritores, somada às suas habilidades

ímpares (sensibilidade, profundidade, clareza, realismo, simplicidade, boa escrita/português e, acrescento aqui, a sua fé em Deus talvez como ingrediente principal de sua jornada de sucesso); perdoe-me, mas afirmo com todas as letras que já conquistastes o “seu lugar ao sol”. Talvez ainda não tenhas “estourado” em vendagem porque este, infelizmente, não é um país de muitos leitores.

Obrigado por tudo meu amigo e, oportunamente, irei adquirindo seus outros livros. Tenho a certeza de que são muito bons.

Ao mesmo tempo em que aguardo um convite de vocês para conhecer Nova Brasilândia, assim como matar a saudade de todos. Reforço meu convite para estarem em minha casa quando aqui vierem. Grande abraço, feliz natal e um ano novo de “muito sol” para todos aí (Sr. Dimas, Zé do Dimas, João do Dimas, Iolanda, você (Teíre), seu irmão mais novo e todos os seus).

Peço desculpas pelos prováveis e muitos erros de português grafados acima.

Goiânia, 24 de dezembro de 2015.

Olimpio de Paula e Silva (Veinho),

Filho de Altino de Paula e Edizimê.

Dedicatória

Primeiramente ao meu irmão mais velho, José, que nos proporcionou um novo estilo de vida sem as inquietações, mediante a necessidade de ficar mudando de fazenda em fazenda, quando o fazendeiro não nos queria mais em suas terras. Em segundo lugar, ao Senhor Anacleto Gomes, cuja ajuda nos possibilitou vir de mudança para Mato Grosso e também aos parentes com quem tivemos muitos e bons momentos de convivência. Além dos já mencionados, também faço questão de destacar um fazendeiro de quem meus pais nunca se esqueceram, devido a sua generosidade para com eles: **O Senhor Epaminondas Dias**. Ainda quero aqui homenagear alguém que, apesar de há umas dezenas de anos, não estar mais entre nós, teve uma participação significativa em nossas vidas: **o Senhor Belarmino Gomes** que, com a cedência de uma área de suas terras para a construção da uma escola rural naquela região localizada no município de Paraúna, Goiás, e pelas suas palestras de incentivo aos alunos daquela inesquecível escola, denominada Escola Três Voltas, desempenhou um papel importante como incentivador da educação no interior do meu amado estado. Também justifica minha gratidão o fato de que, indiretamente, esse Senhor viria a contribuir positivamente com o nosso futuro.

Em suma, dedico esta obra a todos aqueles que passaram pela nossa vida. A uns pela convivência sadia, harmoniosa; a outros, por ter nos proporcionado momentos de crescimento devido aos transtornos causados. Não tenho dúvida de que todos que passaram por nossa vida contribuíram de uma forma ou de outra para que minha família fosse uma das mais felizes do Planeta.

Prólogo

Por volta de 1947, com o casamento de meus pais, Dimas e Maria, começou a bela história de uma família de camponeses que viveu até o ano de 1976 no interior do estado de Goiás. Durante esse período, meu pai vivia prestando serviços aos fazendeiros da região. Quando não nos queriam mais em suas terras, ele saía à procura de um novo lugar para morar e trabalhar, pois era o meio pelo qual garantia as mínimas condições para a nossa sobrevivência. Digo mínimas, porque o que pagavam pelos seus trabalhos sequer possibilitava-nos uma alimentação digna mesmo trabalhando duro todos os dias. Raramente, permanecíamos mais de um ano em uma fazenda. Éramos uma família de nômades, não por escolha própria, mas sim por não encontrarmos alternativa mais viável. Por isso, muitas vezes, nós, os filhos, tínhamos que interromper os estudos por causa de tantas mudanças. Esse injusto contexto também influenciava negativamente em nossa frágil condição de sobrevivência, mas mesmo assim, o ambiente harmônico criado por meus pais possibilitava-nos uma vida de causar inveja a parentes, amigos e vizinhos. Nossa casa vivia cheia de pessoas simples e amigas a desfrutar de divertidos momentos que, para muitos, inclusive nossa família, certamente, eram mágicas e talvez inesquecíveis.

Depois do ano de 1976, nossa vida ganhou novos rumos. Para morar nas terras que pertenciam ao sogro do meu irmão mais velho, mudamos para o estado de Mato Grosso. Neste estado, deixamos daquela vida mendicante por moradia e terra para plantar. A partir daquele ano, a luta pela sobrevivência foi ganhando novo sentido, principalmente em relação aos estudos. Não precisávamos mais ficar mudando, tínhamos terra

boa para plantar sem ter que pagar arrendo a fazendeiros, pois o dono era o irmão mais velho.

A mudança de ares fez muito bem, principalmente a meu pai. Não precisava mais implorar por um lugar para morar e, conseqüentemente, com nossas lavouras, passamos a produzir mantimentos suficientes para uma alimentação mais decente.

Também, graças a nossa estadia naquelas terras férteis, pudemos dar continuidade aos estudos e, posteriormente, conquistar um trabalho, que viria a contribuir para melhorar um pouco mais a nossa qualidade de vida e dar mais tranquilidade aos meus pais que, ao longo da vida, havia feito por merecer.

O tempo, que nunca espera, foi passando e aquele casal, que começara uma simples e aguerrida família de camponeses há dezenas de anos, foi sentindo, pouco a pouco, os efeitos do peso da idade e de uma vida castigada pelo excesso de trabalho.

Minha mãe, aos poucos, foi perdendo a audição e a lucidez. E, para mais preocupação da família, além do seu coração, também enfraquecido com a passagem dos anos, seu aparelho digestivo gradativamente, foi deixando de funcionar regularmente, necessitando de ajuda de medicamentos cada vez mais fortes até chegar o momento final, o momento de fazer as malas e partir para a longa viagem.

Daquele trágico momento, trago fortes lembranças. Nossa casa estava cheia de amigos e parentes a refletir sobre o testemunho de vida daquele casal que até então fora inseparável. Que mesmo depois de várias dezenas de anos, ainda caminhava de mãos dadas. Antes, os laços não foram assim tão notáveis. Recordo meu pai, sempre apressado, a seguir à frente e mamãe a acompanhá-lo por aquelas trilhas que nos conduziam a casa de um parente ou a outro lugar. Como disse, não eram tão grudados, mas os anos de luta foram se encarregando de, gradativamente, aproximá-los cada vez mais. Foi assim: Aquele mesmo tempo que trazia as enfermidades fora tratando de fazer crescer entre eles o amor tão almejado por muitos e alcançado por poucos. Geralmente o orgulho e o egoísmo impedem os casais de serem felizes de fato. Meus pais conseguiram

alcançar esse objetivo. Eu sou testemunha disso. Sei que muitos intrigados perguntavam a si mesmos: “Qual o segredo?” Se quisessem de fato descobrir teriam notado que eles não descuidavam de buscar em Deus aquilo de que precisavam: orientações, força e proteção. Todos os finais de semana se podia ver aquele casal caminhando de mãos dadas rumo a Igreja. Lá, eles se alimentavam da comunhão da palavra e do corpo de Cristo. Para eles, isso era o mais importante. Por isso, cumpriram o que se propuseram no dia do casamento, se mantiveram firmes na luta contra todos os tipos de adversidades que os assolaram ao longo da vida e venceram. Terminara, enfim, a batalha dos dois. Os filhos todos foram criados segundo a mesma fé que professaram. Fizeram o que deveriam ter feito. Porém, para meu pai a batalha ainda não havia chegado ao fim. Naquele terrível momento, mesmo muito abatido com a partida da companheira, continuava sentado em sua cadeira do lado do caixão. Não conseguia imaginar o que seria de sua vida depois daquele dia, mas como um autêntico cristão, que sempre fora, não se desesperou. Sabia que ainda tinha Deus. Não esbravejou, não gritou, não se revoltou contra Deus. Ao contrário, continuou firme em sua cadeira do lado da amada a segurar com mais força ainda o seu terço, o mesmo terço com que acompanhou do lado da sua fiel companheira os momentos de orações das TVs Católicas. Mesmo com toda a angústia, continuava com a firme. Tinha a convicção de que um dia a encontraria na Glória.

Durante todo o tempo de velório, aquele velhinho de cabeça branca se mantivera firme com o terço na mão e o olhar fixo naquele caixão onde jazia, sem vida, o corpo de sua amada. Ele também, há algum tempo, enfrentava a vida com as condições de saúde bastante debilitadas. Primeiro, incomodava-o uma gigantesca hérnia localizada próximo a virilha, depois perdera quase cem por cento da visão devido ao agravamento de um glaucoma e, ainda tivera a retina do olho direito descolada, deixando-o sem enxergar com este olho e, com o esquerdo, também a sua visão fora reduzida a muito pouco. Como enfrentaria tais desafios sem a sua parceira? Já havia algum tempo que, devido àquelas fatalidades, aquele senhor que andava com passos rápidos, deixara de ser o mesmo. Passara a caminhar

lentamente e carecer de um guia para andar com segurança pelas ruas. No início de tal mudança radical, tropeçara muito; não foram poucas as quedas que resultaram em mais sofrimentos, mas ele suportava sem se deixar abalar. Mantinha-se firme em sua confiança nas promessas de Deus.

Realmente, o exercício do viver não é mesmo fácil para ninguém, mas aquele casal que construíra sua casa sobre a rocha da igreja, fundada pelo próprio Jesus Cristo, jamais se descuidou das reformas necessárias. De posse das ferramentas da fé: oração, perdão e o exercício da caridade não permitiram que sua construção viesse a baixo com as investidas das inúmeras tempestades, que, ao longo da vida, atacaram aquela casa de todos os lados.

Segundo relato dos meus pais, quando ainda eram bem jovens, o Brasil possuía um enorme tapete verde onde habitavam muitos animais de diversas e numerosas espécies. Diziam também que naquelas robustas florestas, brotavam pequenas correntes de águas frias e transparentes que deslizavam saltitantes e, pelo caminho, iam se encontrando com outras e dando forma a pequenos riachos. Depois de uma certa distância, o volume daquelas águas aumentava tanto que passavam a ser chamados de rio. Havia um ciclo muito importante para a harmonia da natureza. A fatura de chuvas contribuía para a riqueza fluvial da região. As extensas áreas de matas virgens, por sua vez, eram propícias a formação de mais chuvas e estas regavam as florestas onde viviam tantos animais.

Naqueles rios, em cujas águas habitavam uma enorme quantidade de peixes de diversas espécies, era gratificante passar algum tempo segurando uma vara de anzol, mesmo sendo incomodado por tantos mosquitos encenqueiros, pois não precisava esperar muito para medir forças com um valente piau, uma bela Matrinhã ou outro peixe da rica variedade regional.

Também nas vastas florestas dos tempos de ouro, carne saborosa não era difícil de conseguir: Bastava pegar uma arma de fogo, que normalmente o chefe de família conservava pendurada na parede daqueles simples casebres de pau a pique, em que morava juntamente com os seus, e carregá-la com chumbo e pólvora. Para isso, fazia uso de uma vareta de

ferro com a qual socava uma bucha pelo cano da arma até entender que estava no ponto para atirar quando encontrasse a caça.

Depois era só embrenhar nas extensas matas sonoras, onde se escondiam milhares de vidas e mistérios. Em pouco tempo de caminhada já se podia ver e ouvir os primeiros indícios da presença de animais no meio da mata. Logo depois se podia voltar com um jaó, um jacu ou até mesmo com um porco-do-mato para saborear com a família.

Era mesmo uma vida de fartura. Quantos frutos naturais também existiam! Nas regiões de cerrado, havia o araticum, o pequi, a gabiroba, a mangaba e outros. Nas matas, havia várias qualidades de outros frutos.

Tempos de ouro aqueles! Mesmo não havendo a milagrosa energia elétrica, os eficientes e tão presentes aparelhos tecnológicos de hoje: a apreciada televisão, o indispensável celular, o poderoso computador e outros, não há como negar que o ser humano tinha muito mais prazer de viver. Digo isso porque ouvi muitas vezes meus pais contarem suas histórias compostas de luta, de sofrimento, mas histórias maravilhosas que contribuía com o fortalecimento dos laços familiares. De tão interessantes que eram aqueles relatos, eu me via conduzido para aquele paraíso descrito por eles.

Enquanto narravam, eu me via caminhando no meio daqueles bosques repletos de perigos e mistérios, ouvindo o urro da onça pintada que corria do cachorro da narrativa da minha mãe, o ronco nervoso e o estalar de dentes do queixada da história do meu pai. Também, havia momentos em que eu me encontrava seguindo a cavalo por aquelas regiões pouco habitadas por seres humanos, tentando chegar à cidade para comprar algumas coisas necessárias, como meu pai dizia ter feito inúmeras vezes.

Às vezes, meu pai nos contava que, desde pequeno, ia para a roça ajudar meu avô. Trabalhava de sol a sol para conseguir mantimentos para o ano. Batalhava duro, mas na colheita, havia muita fartura: era milho verde, abobrinha, melancia, pepino e outros.

Ainda hoje, me peço a meditar sobre uma das histórias que ele nos contava. Ela me fez entender o porquê de ele ter sido, por um longo tempo, um alcoólatra. Segundo seu relato, ainda bem jovem, quando trabalhava

num alambique, para combater a friagem da madrugada, ele e outros companheiros enchiam uma caçarola de cachaça e bebia à vontade. Devido a isso, tempos depois sofrera muito para se libertar daquele vício terrível, que o fez, por algumas vezes, dormir no meio do mato, deixando a minha mãe preocupada. Mas felizmente tempos depois graças a sua persistência, a luta da mamãe e à misericórdia de Deus, o vício foi vencido.

Também descobri, com as suas histórias, a razão para o uso do cachimbo, outro vício que o acompanhou por muito tempo.

Quando trabalhava nas lavouras, naquelas roças de toco, bem ao lado das matas, era grande a quantidade de mosquitos que ficava infernizando quem se atrevia a ir ao trabalho. Como não encontrava melhor alternativa de defesa, pegava seu cachimbo e soltava baforadas de fumaça naqueles insetos que, tontos, certamente atendiam, do chefe, a algum comando de retirada. Assim podia trabalhar em paz. Mas o que ele não sabia era que aquele meio utilizado iria lhe custar tão caro, anos mais tarde.

Dos irmãos do meu pai o que se mantinha mais próximo de nós era o tio Xisto. Por muito tempo sempre moramos próximos. Quando ele se mudava de fazenda, logo dava um jeitinho para conseguir um lugar para nós também. Dessa forma sempre estávamos ligados. Às vezes ele reunia a família e ia passar a noite em nossa casa. Quando eles não vinham ao nosso encontro éramos nós que íamos procurá-los. Naqueles momentos em que estávamos reunidos, antes de dormir, conversávamos animadamente. Os mais velhos contavam para nós belas histórias vividas por eles ou ouvidas de outras pessoas. Ficávamos atentos a cada narrativa, porque gostávamos daquele momento de harmonia e de aprendizado que hoje, infelizmente, quase não existe mais entre os membros da família.

Das narrativas deles, recorro com mais nitidez, os diversos casos sobrenaturais sobre almas penadas que apareciam e dialogavam com pessoas para pedirem orações por estarem sofrendo em alguma mística dimensão. Também, segundo as histórias, elas pediam para que lhes prestassem favores que, geralmente, se resumiam a pagamento de dívidas que as impediam o descanso dos mortos. Contavam também histórias de tesouros mal-assombrados, lobisomem, que tentavam devorar criancinhas

e outras mais do gênero. Adorávamos ouvir as sessões de terror, mas quando isso acontecia; na hora de dormir, o medo era tanto que não tínhamos coragem nem para nos levantar à noite sozinhos.

Também naquele tempo, sempre que estávamos reunidos, nós, a numerosa criançada das duas famílias, quando não estávamos assentados ao redor deles para ouvir suas histórias, ficávamos afoitos na maior algazarra. Diversos eram os tipos de brincadeira e muitos eram os barulhos: gritos histéricos, longas gargalhadas que, ao mesmo tempo, molestavam os mais velhos e feriam o silêncio noturno. Proporcionávamos tantas agitações que às vezes éramos advertidos pelos nossos pais ou forçados a irmos para a cama mais cedo.

Na hora de dormir, nossas mães arrumavam uma cama enorme no chão e nós, a turma de primos, deitávamos todos juntos. Nem nesses momentos, a princípio, havia sossego. Como os colchões eram preenchidos com palha de milho, enquanto não parássemos de ficar rolando para um lado e para o outro não cessavam o ranger do atrito das palhas sendo pressionadas umas as outras sob o peso dos nossos corpos. Só depois de algum tempo, quando éramos vencidos pelo sono, é que a casa ia silenciando.

Quando ainda éramos todos pequenos, com exceção do Mário e da Alice, que ainda não pertenciam a este mundo, morávamos numa fazenda de um senhor chamado Palmiro, um homem de um coração de ouro. Com frequência, a mamãe fazia questão de tecer comentário sobre o tempo em que morávamos na fazenda dele. Não cansava de elogiá-lo. Segundo ela, ele tinha nos ajudado muito, pois quando fomos para aquela fazenda, atravessávamos um percurso de vida muito precária, mas graças a sua generosidade, o nosso fardo não foi tão pesado naquele ano. Toda vez que matava porco gordo na fazenda, doava boa parte para meu pai. Também, depois de ajudá-lo a ordenhar as vacas, meu pai voltava para casa trazendo leite, queijo e derivados; igualmente, tão úteis quanto os outros tipos de alimentos doados por aquele bondoso patrão.

Pouco tempo depois de estarmos morando naquela fazenda localizada no alto de uma bela serra, não dependíamos tanto mais da

valorosa ajuda daquele senhor, mas ele continuava sendo muito caridoso para conosco, tinha muito apreço por meu pai. Com muito trabalho e com a ajuda daquele fazendeiro começamos a ter fartura. Meu pai plantou uma área considerável. Levando em consideração aquele tempo em que o lavrador contava apenas com a força dos braços, poderia dizer que se tratava de uma lavoura enorme. Como a terra era muito produtiva, a fartura veio. Por ter acompanhado, com aprovação, os esforços do meu pai, o patrão não se cansava de elogiá-lo. Dizia que não considerava a possibilidade de que apenas um homem e duas crianças pudessem cultivar aquele terreno tão extenso como aconteceu. Afirmava ainda que alguém bom de serviço como meu pai não era fácil de encontrar.

Segundo minha mãe, para ir ajudar meu pai na lavoura, o José e o João, cada qual, ia para a roça somente com um pano que, amarrado ao pescoço, cobria-lhes as costas para se protegerem dos raios solares e dos insetos que lhes incomodavam. Também ela, além de preparar a comida, dava um duro danado para ajudá-los. Trabalhava até ver o sol se deitando atrás dos montes. Depois voltavam para casa, pois a noite não demoraria e era hora de preparar algo para o jantar.

À noite, à claridade da lamparina, reuniam-se para conversar e fazer planos para o futuro. Mas não por muito tempo, pois normalmente, por estarem cansados do trabalho árduo, meus pais e meus irmãos logo iam se acomodar para fecharem os olhos ao som de uma melodiosa canção executada por um romântico grilo que não se cansava do seu constante cri.

Naquele ano, com tanto empenho e com as bênçãos do nosso bondoso Deus, a nossa realidade mudou da água para o vinho. A colheita foi um sucesso. Houve fartura de milho, feijão, arroz e outros alimentos. Também tínhamos bastantes porcos e galinhas. O Senhor Palmiro estava muito contente com seus honrados agregados. Agora Dimas, não precisa mais ficar mudando! Pode morar aqui o quanto quiser!

Poderíamos ter ficado por muito tempo naquela fazenda, mas quisera o destino que mudássemos de ares há apenas um ano e alguns meses depois de estadia naquele lugar. Isso aconteceu, porque numa tarde de

janeiro, meu tio Xisto chegou a nossa humilde casa. Quis saber onde estava meu pai e minha mãe disse-lhe que acabara de chegar da casa do senhor palmiro e que havia ido tomar banho. Então, enquanto esperava, sentou-se num banco de madeira que ficava na cozinha e aceitou uma xícara daquele aromático café moído na hora que mamãe lhe oferecia.

Segurava a xícara da qual ascendia uma fumaça preguiçosa e, entre uma frase e outra, enquanto aspirava lentamente o perfume daquele saboroso café, para satisfazer a curiosidade da mamãe, relatava-nos que todos os seus haviam ficado em casa e que estavam bem.

Não demorou muito para meu pai aparecer. Alegre por rever o irmão, cumprimentou-o calorosamente. Os dois conversaram um pouco sobre diversos assuntos e por fim meu tio revelou-lhe o motivo de ter ido procurá-lo:

-Dimas, arrumei um bom lugar para a gente morar. Lá na serra do Seu Vando, ele é muito rico e, se aproveitarmos bem os trabalhos lá, haveremos de melhorar nossa situação! Lá tem terra boa para fazermos nossas roças. Poderemos construir nossas casas próximas, vamos poder morar perto, trabalhar juntos. A nossa família tem que viver unida.

-Ô Compadre Xisto, estamos tão bem aqui! O Senhor Palmiro não quer que a gente saia mais daqui. Ele disse que vai me ajudar se eu continuar aqui em sua fazenda.

-Você quem sabe compadre, mas todo mundo lá em casa quer que vocês venham morar perto de nós. Todos reclamam da falta de vocês. Nunca ficamos afastados uns dos outros!

Meu pai não resistiu ao apelo do irmão. Ele e a mamãe arrumaram as coisas e deixaram com pesar aquela fazenda onde a vida tinha sido tão generosa.

Como num sonho, nas páginas das lembranças de um filme marcante, minha memória vagueia na poltrona do trem do tempo, ao longo da minha existência. Leva-me a vários capítulos da preciosa história da minha família, como acredito, também deve acontecer o mesmo em suas viagens no comboio das lembranças de outrora.

Folheando essas páginas de lembranças, retorno a uma das regiões, onde morávamos. Ainda permanece tão nítida em minhas recordações a serra dos Buritis, localizada no interior do estado de Goiás. Como era um lugar encantador, místico! Defino-a com esses adjetivos, porque coisas misteriosas aconteciam lá. Eu mesmo cheguei a me deparar com uma delas algumas vezes. Tratava de uma luz semelhante a um vaga-lume, o que me permitia concluir que não se tratava desse inseto era o tamanho daquela luz brilhante que deslizava na escuridão da noite. O clarão, que nós deixava assustados, possuía diâmetro um pouco maior do que a lanterna do nosso conhecido ser noturno.

Aquela misteriosa luz aparecia e repetia quase sempre a mesma trajetória. Surgia num serrado que se localizava a frente da casa e se dirigia a uma pequena nascente de águas claras que ficava a uns cinquenta metros da nossa morada. Quando deparávamos com aquele fenômeno, que aparecia geralmente ao cair da noite ou mais tarde, saíamos correndo de medo. Os mais velhos diziam ser a mãe do ouro que, segundo eles, tratava-se de uma linda mulher dourada que descia para repousar. Diziam eles que se deixasse um pente no local, ela pentearia os cabelos e, quando alguém fosse buscar o pente, encontraria fios dos seus cabelos de ouro. Diziam também que se alguém deixasse uma criança não batizada no local em que ela ia repousar, o encanto da mulher dourada seria quebrado e depois era só ir recolher o ouro que ficaria no local. Eu ainda não conheci alguém que afirmasse ter feito algo dessa natureza para comprovar a veracidade dos fatos, mas me encantava com aquelas histórias fantásticas. Havia também, por outro lado, aqueles que se limitavam a afirmar que a região era muito rica e que, por isso, apareciam aquelas luzes misteriosas. Mas nós, a